

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.705

Terça-feira, 17 de Junho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 118 e 119

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

O proletariado estará disposto
a permitir que o governo ani-
quile o seu orgão na imprensa?

O TRIUNFO DA IMORALIDADE

NÃO SE PODE SER HONESTO!

“A Batalha” não pode atraíçoar a sua missão. Ou se publica livremente, criticando todos os roubos, todos os crimes e todos os escândalos, nos quais estão envolvidos vários ministros, ou SUSPENDE!

Vivemos pela Verdade — morreremos pela Verdade!

A Batalha vem sendo alvo da mais violenta perseguição. É um jornal que incomoda todos os que se sentem bem neste montar em que os políticos, os homens de dinheiro e os de negócio transformaram o país. O governo, impedindo que A Batalha exerça a sua missão crítica, só, tam necessária neste momento, coloca-se abertamente no campo oposto aos interesses populares, coloca-se ao lado dos homens de negócios, dos moageiros, dos banqueiros dos criminosos, contra a imprensa que mais enfaticamente ataca todas as imoralidades.

A maneira como se exerce a apreensão de A Batalha é vexatória para as autoridades do país. Todas as manhãs um agente de polícia adquire na casa da imprensa exemplar deste jornal que leva as autoridades superiores. Traz uma resposta invariável: «Não pode circular.» E logo a polícia se lança numa perseguição feia sobre os vendedores, arrancando-lhes os exemplares que levam. Tem-se chegado a este cúmulo: sovar e insultar as pessoas que tendo tido a sorte de alcançar um exemplar de A Batalha, o vão lendo pela rua.

Anteontem, porém, a perseguição assumiu um aspecto mais grave e mais revoltante. O guarda que foi à noite para A Batalha se impõe, guarda que dá pela aliança do «Sebento», sem ter ido previamente consultar o governador civil, entendeu que devia, lá porque a lei não lhe agradou, a ele, pessoalmente, apreender o jornal e impedi-lo de circular.

Isto foi evidentemente sancionado pelo sr. Ferreira de Amaral ou pela pessoa de «confiança» que o ministro do Interior encarregou(1) de verificar se esta gazeta publica matéria «subversiva.»

Assim, um jornal, que num país civilizado devia ser respeitado como um objecto sagrado, visto que representa a opinião de milhares e milhares de pessoas, está sujeito aos caprichos, às arbitrariedades, não do ministro do Interior, não do comissário da polícia, não do governador civil, mas dum simples agente de polícia quase alfabeto—dum «Sebento» qualquer!

Sua Exceléncia o «Sebento» bêbe «dois» ali em qualquer taseca do Bairro Alto, arrota e, inchado de autoridade, ordena, porque o «omata-bicho» lhe deu para ali, se a preenda A Batalha!

E há um governo que admite semelhante selvajaria. Um comissário de polícia, um ministro do Interior se rebaixam ao ponto de se deixarem substituir, nas suas odiosas funções repressivas, por um «Sebento» qualquer do Bairro Alto!

Há ainda uma imprensa que amanhã está sujeita a sofrer idêntico vexame, que fica silenciosa ante a lama que o «Sebento» lhe atira às faces.

Não foi apenas A Batalha o único jornal enxovalhado, foi toda a imprensa que recebeu do «Sebento» um escarro em pleno rosto!

* * *

A propósito desta acintosa perseguição à Batalha, Rocha Martins escreve nos *Fantoches*, e nós transcrevemos:

Ultimamente foi apreendida, várias vezes, A Batalha e se é certo que nunca imaginei um movimento colossal da imprensa em sua defesa, ao menos julguei ser possível um protesto formal, diário e sentido e também pensei que essas associações de Imprensa, que para aí vivem ou se arrastam, ao menos teriam esboçado alguns passos no sentido de pedirem para os seus associados ao menos as garantias da lei a que devem obediência e não aceitariam a arbitrariedade.

Não sucede assim e, se legitimamente, o jornal operário tivesse recorrido para outra solidariedade—a dos tipógrafos dos outros periódicos—não se fartariam de clamar aqueles que lhe negavam o seu auxílio achando injusto o seu procedimento.

Claro que eu não desejo simpatias afixadas pelos conservadores a favor do órgão proletário mas espero, no próprio interesse da imprensa de todas as cores, a defesa do ataque feito a qualquer jornal.

A falta dum protesto energético, colectivo e sério contra a apreensão de A Batalha levou o ministro do Interior à apreensão do *Correio da Noite* e como ante esta violência, inflingida ao jornal monárquico, os representantes da Causa no parlamento, se calaram, a audácia redobrou por parte do sr. Sá Cardoso, e daí a dias havia ordem para não deixar circular o *Correio da Manhã*.

O ministro do interior declarou, há dias, no parlamento, ter um indivíduo a seu lado que faz a censura dos jornais e eu ainda não ouvi a imprensa—que outrora era uma força—perguntar o nome desse amável cavalheiro ao exigir do ministro as responsabilidades do seu ataque.

Supõe-se que, amanhã, me lembro de narrar um acto do titular da pasta praticado como director de certa Companhia onde era director e que o censor corta o artigo e impede o jornal de circular.

Contra os ataques da reacção governamental o proletariado saberá defender e manter o seu órgão

As perseguições de que está sendo vítima A Batalha, estão fazendo vibrar de indignação todas as criaturas que têm ideal superior e um elevado culto da Verdade. Amorosamente, impõem-nos de comunicar com os nossos amigos que não convém às classes dominantes que A Batalha, pela linguagem da verdade, expõe e condene abertamente os crimes que se cometem constantemente.

As classes dominantes não podem admitir que no mar de lama em que nos atendem, atascam, haja imprensa honesta.

E por assim ser, as repetidas apreensões põem em perigo a sua existência e o proletariado não acorre em seu auxílio prestando-lhe o máximo da solidariedade tanto mais que a existência de A Batalha é agora mais necessária do que tem sido, porque o seu desaparecimento equivaleria ao quasi completo triunfo da reacção.

Ponderando tudo isto, resolveram os presos sociais do Limeiro contribuir com uma cota parte do seu subsídio confederal em auxílio de A Batalha, iniciando assim a grande subscrição nacional pró-manutenção de A Batalha.

Não queremos isto dizer que os presos sociais vivem desafogadamente, pois em virtude do excessivo subsídio que é prestado pela C. G. T. passam todos a espécie de necessidades.

Um apelo um gesto nobre dos presos sociais no Limeiro

Camaradas da redacção de A Batalha—Temos os presos por questões sociais seguidas com a máxima atenção a dívidas campagna moralizadora que Batalha tem vindo mantendo, e que é temido o ódio dos governantes e numa sanha de feroz perseguição a um mandado apreender, coidamente.

E A Batalha um jornal honesto que se curva perante o Deus-Milhão e aceita os seus benefícios, vivendo do auxílio que os trabalhadores

No que consentiria, neste caso, o ministro? Num roubo em seu proveito. O silêncio da imprensa, significativo e animador, habilita-lo há a ir até ao infinito da perseguição sempre entre os elogios à sua pessoa feito pelos colegas das vítimas de suas iras.

Um dia, porém, chegará em que se lhes aplicará a mesma pena e, ou será muito tarde para reagir, ou será necessário usar dos meios fortes para salvar das garras dum governo uma imprensa fraca.

Antes de que isso se dê, cumpre não esquecer os males dos jornais, embora avançados, na hora em que o nosso silêncio, é a pedra onde os governantes amolam sous alfanges para a degolação dos que julgam mudos, incapazes dum brado a uma apóstrofe, dum berro ou dum protesto.

A parte mais importante da crítica de Rocha Martins é som dúvida aquela em que o panfletário se refere às ligações dos ministro do Interior com certa companhia industrial, cuja crónica conhecemos em parte e que gostaríamos de conhecer melhor.

E precisamente por homens do governo estarem ligados a escândalos e crimes que energeticamente atacamos, que A Batalha tem sido apreendida.

Não pode haver imprensa possível, não pode haver crítica livre num país, em que os próprios governantes estão envolvidos em escândalos e crimes.

Eles prevaricam e eles amordoram a imprensa honesta. Eles praticam os crimes—e eles impedem que A Batalha, órgão da opinião pública, revele esses crimes.

A Batalha tem por missão dar combate a esses crimes. Pela violência, pela arbitrariedade abafam-lhe a voz.

Se revela a maneira revoltante como foram assassinados os presos nos Olivais—a polícia, revestida dum autoridade iníqua, apreende-a!

Se se refere aos favores que o sr. Alvaro de Castro, presidente do governo, tem feito à Moagem, apreende-na!

Se se insurge contra a negociação dos Transportes Marítimos, na qual está envolvido o ministro do Comércio, apreende-na!

Se combate os agricultores que especulam com a

terra e perseguem os trabalhadores, atinge também o sr. Joaquim Ribeiro, ministro da Agricultura e agricultor, é claro: apreendem-na!

Se traz a público a burla, o negócio escuro que se pretende fazer com a Fábrica Nacional de Vidros da Marinha Grande, tem de fazer referências desagradáveis ao sr. Lima Duque, ministro do Trabalho, que entra no negócio—apreendem-na!

Se se revolta contra o roubo que os bancos fazem ao Estado, sem que o ministro das finanças contra eles proceda, apreendem-na!

A maioria dos componentes do actual ministério está como se vê, envolvida nos mais escandalosos negócios, que merecem um ataque cerrado de todas as pessoas honestas.

A Batalha, representando a vontade e a opinião da parte do país lesada por todas essas grandes roubalheiras, tem de falar. O governo solidário com o crime, impede-a de exercer a sua missão. O governo irritado com a existência de um jornal que não se bandeia, pretende suprimi-lo. Os criminosos, receando que a verdade sobre os seus crimes seja, pela Batalha, posta ante os olhos do povo, querem instilá-la. Desejam ficar à vontade, com o caminho livre, para poderem tripudiar sem receio.

Ante este atentado contra a liberdade de crítica praticado por um governo que tem as mãos sujas pelos negócios escuros que assobáram o país, podem as consciências rectas, podem os trabalhadores ficar silenciosos?

A Batalha pôs hoje este dilema: ou lhe dão aquela liberdade de crítica a que tem absoluto direito ou suspende-a a sua publicação.

Quando pela palavra, pela escrita não é permitido aos homens honestos defendermos os interesses do povo; quando a mordaca proíbe que a opinião se expanda, a missão da imprensa, da imprensa digna como A Batalha, queda inútil. Porque A Batalha não calará crimes, porque A Batalha não sancionará com o seu silêncio, os assassinos bárbaros dos Olivais, nem os roubos formidáveis que potendos industriais e financeiros, aliados a ministros, estão praticando impunemente!

A Batalha não pode circular!

A Batalha é apreendida arbitrariamente!

A Batalha suspenderá, mas não dará os braços aos pulhos aos ladrões.

E' preciso morrer? Morre-se de pé, sem atraíçoar a Verdade!

A BATALHA
citedas nas Informações Sociais.

No número de Maio das *Informações Sociais*, edição francesa da revista da Repartição Internacional do Trabalho, vêem publicado um relato sintético do Congresso Nacional dos Metalúrgicos Portugueses baseado na notícia de A Batalha de 20 e 24 de Abril último.

Na manchete, a Batalha é apreendida, e a sua manutenção está assegurada.

O auxílio prestado A Batalha neste momento representa a revolta dos trabalhadores entre as prepotências dos governantes.

Trabalhadores: auxílio materialmente à Batalha porque vos auxiliáis a vós próprios.

Auxílio à Batalha porque assim defendereis o vosso pão, a vossa liberdade e a vossa vida.

Camaradas: Junto vos remetemos 90.000 para início da subscrição pró-mantenção de A Batalha sendo 80.000 escudos dos 16 presos confederados e 10.000 dos 4 presos não confederados existentes na cadeia do Limeiro.

Límodro e Grupo B, 16-6-924.

Pelos presos sociais do Limeiro, Ma-

nei Viegas Carrascalão.

Provas de solidariedade

Camaradas redactor de A Batalha: Convencidos de que as constantes apreensões ao nosso jornal tem o objectivo de fazer desaparecer, mas convencidos de que esse objectivo já não se consuma, se da parte da classe operária houver o necessário espírito de resistência, o pessoal do Conselho Técnico da C. G. T. que trabalha na obra do Novo Manicômio, resolveu entre si que quando não possa obter o jornal pelo efeito da sua apreensão, pagar a respectiva importância à administração do mesmo.

Significa simplesmente que acima das nossas necessidades pessoais, colocamos as necessidades da C. G. T. que é a emancipação integral dos trabalhadores.

A nossa cota é modesta—cerca de 5.000 por cada preso confederado e 2.500 por cada não confederado—mas ela representa muito sacrifício, muita miséria, não só para nós como para as nossas famílias, pois que é arrancada aos 25.000 semanais que recebemos da C. G. T.

Que todos os trabalhadores secundem o nosso gesto contribuindo para A Ba-

C. G. T.
Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Devido ao requerimento enviado há perto de 15 meses pelo preso Luís Larangeira, que se encontrava em Mantes, no qual pedia ao ministro da justiça, nessa ocasião, para ser remetido para a África, por se encontrar entregue ao governo e em que juntamente com o mesmo, assinaram também os presos Américo Pereira Dias e António Augusto Guedes Pinto, conforme diz o registo de entrada do mesmo requerimento, é este Secretariado rapidamente tratou desse assunto.

Conte que o actual ministro da justiça deferiu o referido requerimento mas só para Luís Larangeira, e para que se não julgasse que era remetido como vaidoso, foi este secretariado outem avisar-se com o director da Cadeia Nacional sobre o referido assunto e com o sr. ministro da justiça a quem entreou um novo requerimento a fim de ser enviado para África naquelas condições.

Augusto Guedes Pinto, conforme diz o registo de entrada do mesmo requerimento, é este secretariado abordou a situação dos operários presos indevidamente há tempo a esta parte.

Fica por este meio avisado o dr. sr. Sobral de Campos que o julgamento de José da Silva se realiza no dia 27 do corrente.

A reunião de direcções dos sindicatos operários

A convite da U. S. O., reuniram ontem as direcções dos sindicatos operários de Lisboa que apreciaram e votaram um parecer daquele organismo só a favor da manutenção da justiça ou injustiça da atitude dos marchantes.

Imparcialmente, aceitámos ambos os convites, na disposição de tratarmos do caso de molde a acatarmos os interesses do público e não os de nenhuma das duas partes que se debatiam.

Comecemos pelo que apreciamos os marchantes:

No Matadouro foram mostradas várias determinações da Comissão Abastecedora, intimando os marchantes a

Os marchantes recusam-se a vendê-las, declarando-as nocivas para o público

A firma que as importou dizem que os marchantes as combatem por espírito de ganância

Devido ao requerimento enviado há perto de 15 meses pelo preso Luís Larangeira, que se encontrava em Mantes, no qual pedia ao ministro da justiça, nessa ocasião, para ser remetido para a África, por se encontrar entregue ao governo e em que juntamente com o mesmo, assinaram também os presos Américo Pereira Dias e António Augusto Guedes Pinto, conforme diz o registo de entrada do mesmo requerimento, é este Secretariado rapidamente tratou desse assunto.

Conte que o actual ministro da justiça deferiu o referido requerimento mas só para Luís Larangeira, e para que se não julgasse que era remetido como vaidoso, foi este secretariado outem avisar-se com o director

EM COIMBRA

O II CONGRESSO DAS ESCOLAS TÉCNICAS

Inaugurou-se, em Coimbra, com grande entusiasmo

COIMBRA, 14.—A realização do II Congresso das Escolas Técnicas, nesta cidade, e conforme estava anunciado, tém deserto, bastante interesse no meio académico—isto é, no meio dos alunos das diferentes escolas comerciais, quer particulares ou oficiais, assim como entre o professorado das mesmas escolas.

Assim, antes de entrarmos propriamente no relato da sessão inaugural, a qual revestiu uma grandiosa importância — referir-nos-hemos primeiramente ao que foi a sessão preparatória do congresso, começada pelas 20 horas e 30 minutos.

Preside Jaime Nascimento de Almeida, sendo secretariado por Idalino Brochado e Arnaldo Júlio Vieira — como componentes da comissão organizadora do Congresso.

Jaime Nascimento de Almeida, como presidente, é também membro da comissão organizadora, dê ao Congresso uma entusiástica saudação, saudação essa que se ajojou como um hino ao esforço feito por todos os alunos das escolas técnicas para a realização do 2.º Congresso. Em seguida, e, especialmente, salienta o esforço enorme, grandioso, prestado pelo grande amigo dos alunos das escolas técnicas e do seu Congresso, que é o dr. sr. Adrião Castanheira, Silvio Péllico, Mário de Almeida, Lavrador Ribeiro, Ribeiro Barbosa, artista Silva Pinto etc.

O dr. sr. João Camões assume a presidência, fazendo-se secretaria pelos professores dr. Mário de Almeida, e arquitecto Silva Pinto.

Em seguida, numa vibrante alocução ao Congresso e ao esforço dos alunos das Escolas Técnicas, que procuram pelo trabalho e pela inteligência remoldar o ensino em Portugal — salienta que são as classes proletárias, as abandonadas de tudo, aquelas que sempre se esforçam por fazer alguma coisa de bem comum. Faz um largo estudo sobre as necessidades do ensino, a sua função social no campo físico e moral, e salienta que só pela Educação, pelo estudo, será possível conseguir uma solidariedade melhor, que se torna necessário fazer, urgente e inadiável.

E a propósito do ensino e programa, fala sobre um livro editado ultimamente em França, livro subscrito pelas mais altas individualidades científicas desse país, livro que se torna necessário aplicar também em Portugal, nesse seu ensinamento e programa. É preciso, diz o dr. sr. João Camões, que o ensino ministrado seja rigoroso, mas em condições de solidariedade, abrigando o esforço do braço e do cérebro dos trabalhadores, amparando-os maternalmente porque eles têm direito de viver.

O 2.º Congresso das Escolas Técnicas é uma extraordinária ligação dada a todos os que se empenham pelo aperfeiçoamento do ensino. Ali, está todo o esforço dos que trabalham e reivindicam para si aquilo a que tem direito. Em palavras fortes, entusiásticas, o dr. sr. João Camões exclama:

É preciso derruir todos os tabiques que separam os ensinos, como frontes, construindo em seu lugar o ensino único, para todos, afirmando-se no trabalho intelectual e manual. Mas para isso, é preciso que os poderes públicos auxiliem os que trabalham, impulsando e ajudando-os e não dificultar seu desenvolvimento e progresso. É preciso que o ensino não seja privilégio de um pequeno número, antes de todos.

O orador foi por vezes interrompido com salvas de palmas, tendo terminado agradecendo a deferência que os alunos das escolas técnicas lhe dispensaram, elegendo-o para presidir à sessão inaugural do seu Congresso.

Em seguida é nomeada pela mesa a comissão revisora de mandatos, que foi constituída por:

Manoel dos Santos Ivo, da Escola Oliveira Martins, do Porto; Manoel Moreira de Lima, da Escola Comercial de Braga; Luís da Silva, da Escola Comercial de Fradessos da Silveira, de Portugal; José Marques da Costa, da Escola Industrial Infantil D. Henrique, do Porto; Santos Silva, da Escola Industrial Faria Guimarães, do Porto; Arnaldo Vieira, secretário da comissão organizadora do Congresso; Henrique Gaspar de Carvalho, da Escola "Pátria", de Coimbra; Jaime da Silva Vieira, da Escola de Arte Aplica de Lisboa.

Em seguida foi encerrada a sessão por espaço de trinta minutos, ao fim dos quais a referida comissão deu conta dos seus mandatos, acreditando no Congresso com voto deliberativo as seguintes delegações: Escola Comercial Oliveira Martins, Escola Comercial Ferreira Borges, do Porto; Escola Comercial Tomás Cabreira, de Faro; Escola Comercial Vieira Brás, Escola Comercial Bartolomeu dos Mártires, de Braga; Escola Comercial da Figueira da Foz; Escola Industrial Afonso Domingues, de Lisboa; Escola Industrial de Fradessos da Silveira, de Portugal; Escola Industrial Faria Guimarães, do Porto; Escola Industrial Faria Guimarães, do Porto; Escola Industrial de Viseu.

Em seguida, Arnaldo Vieira, da Comissão Organizadora do Congresso, tem palavras de elogio para o dr. sr. João Camões a quem agradece o ter vindo a Coimbra, propositadamente, presidir, pela segunda vez, à sessão inaugural do Congresso dos Alunos das Escolas Técnicas do País.

Operários que somos, diz entusiasticamente, queremos pelo nosso esforço contribuir para aperfeiçoamento intelectual de todos os que trabalham. Eis as razões porque aqui estamos.

Professores e alunos, juntos, irmãos no mesmo pensamento, têm que fazer uma grande obra. Que assim seja, são os seus desejos se todos os que nesse momento, aqui, no Congresso, procuram trabalhar.

Agradecemos novamente ao dr. sr. João Camões todo o esforço que tem dispensado pela causa do ensino, censurando asperamente os poderes constituídos que de nada se importam pelos trabalhos aprovados no 1.º Congresso destas escolas, trabalhos de alcance e que interessam ao desenvolvimento social da pais.

Alguns vivas ao Congresso e muitas palmas, pôr termo às palavras deste congressista.

Em seguida falaram outros congressistas de que darei relato circunstancial. — C.

Cultura operária

Um núcleo de estudos que merece ser carinhosamente acolhido pelos trabalhadores

Prosseguindo na efectivação do plano de trabalhos educativos que a direcção do Sindicato de Empregados de Escritório elaborou, realizou-se hoje, pelas 21 horas, a primeira sessão do "Núcleo de Estudos" que por aquela direcção foi criado.

Iniciativa, sob todos os aspectos interessantes, visa a criar o gosto pelo estudo sério, a incentivar no indivíduo uma consciência de análise e de exame sereno às questões que se lhe deparem e será, possivelmente, pela sua reprodução noutras sindicatos, o fulcro dum movimento de espiritualização de cultura na organização operária.

Procedeu-se depois à escolha dos diversos presidentes para as sessões do congresso, o que foi aprovado, depois de a comissão ter dado conta dos seus nomes ao congresso.

Em seguida a sessão foi encerrada, até à chegada do dr. sr. João Camões que deve presidir à sessão inaugural.

A Escola Comercial de Coimbra, resolve enviar ao Congresso os seus delegados

Conforme noticiamos os alunos da Escola Comercial de Coimbra, depois da direcção da Associação da sua escola ter conferenciado com a comissão organizadora do Congresso, recuaram em assembleia geral para apreciar a plataforma que punha termo ao conflito existente entre os alunos da mesma escola e a comissão organizadora — tendo, assim, após os esforços corados da direcção de Arnaldo Júlio Vieira, enviado delegados ao Congresso, São José, Tomás Gomes e Mateus Ferreira Mateus.

Este facto causou imensa satisfação, tendo estes delegados sido recebidos ao

TEATRO APOLÓ
Ainda hoje
O comissário de polícia

Vida Sindical

C. G. T.

Comité confederal

Reúne hoje, pelas 20 e meia horas

prefixas, para tratar de assuntos inadiáveis.

COMUNICAÇÕES

Federacão Corticeira Nacional

Reúniu o conselho federal desse organismo, sendo lido o expediente dos sindicatos ao qual foi dado o devido andamento.

Os corticeiros de Évora, reclamam para lhes ser enviada uma tabela de salários de Lisboa e arredores, resolvendo-se satisfazer.

O delegado de Belém expõe ao conselho que na casa Perce e Ells existem alguns operários que estão a ser prejudicados à organização local pela propaganda nefasta que fazem. Foi resolvido que o sindicato faça tanto quanto possível para que ésses operários deixem de prejudicar a organização, e caso não consiga a Federação tomar conta do caso exercendo a sua ação junto desses operários.

A comissão administrativa leu o original dum manifesto que vai ser dirigido à classe, sendo resolvido a sua publicação.

O conselho ocupou-se do 3.º congresso corporativo, deliberando-se adiar a sua realização para os dias 31 de Agosto e 1 e 2 de Setembro do corrente ano.

Em breve serão enviados delegados à província em propaganda do congresso.

Compositores Tipográficos

Reúniu antecipadamente a direcção desse sindicato, tendo tomado conhecimento do expediente e aprovado novos sócios.

Apreciau várias anomalias passadas adiante das oficinas, ficando resolvido removê-las para que não subsistam.

Sofreu discussão o estatuto financeiro em que se encontra a oficina Sindical, tendo-se resolvido apelar para que os Sindicatos devedores, saírem imediatamente as suas contas, para não sofrerem interrupção nos seus trabalhos.

Corticeiros de Belém. — Reuniram para tratar de assuntos que gravemente interessam a organização, entre elas o procedimento dos operários da fábrica Pérez Ells que, terminado o último movimento grevístico, que se prolongou tanto em consequência da classe não aceitar a afrontosa proposta patronal para se fazer mais horas de trabalho, logo no domingo seguintes se prestaram a trabalhar, praticando assim uma falange grave aos principios que norteariam a organização operária e ao estabelecido no acordo para solução da greve.

Foi também verberado o procedimento de três operários da área que, quando o movimento ainda se mantinha, foram trabalhar para Abrantes, contribuindo portanto para animar a resistência dos industriais.

Os referidos operários, que compareceram nesta assembleia, reconheceram ter procedido mal e alegaram ter feito irrefletidamente.

Manipuladores de Pão — Reuniu a assembleia geral, sendo nomeada a nova comissão administrativa, que ficou assim composta:

Secretário geral, Cândido Marques; secretário administrativo, Manuel Mendes; tesoureiro, António Ribeiro; vagas, Manuel Pereira e Manuel Ribeiro.

CONVOCAÇÕES

Federacão Mobiliária — Conselho

Reúne hoje, às 21 horas, para tratar de assuntos importantes, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados à hora marcada.

Refinadores de açúcar — Reúne

hoje a assembleia geral para apreciar a

resposta do gerente da fábrica de refinaria Pereira Gomes da Costa, com a qual deve hoje avistar-se, como intermediário para a solução do conflito com o pessoal, o respectivo encarregado, conforme foi resolvido na assembleia ontem realizada.

Carpinteiros de Longo Curso. —

Reúne hoje os corpos gerentes afim de se tratar de assuntos de interesse para a classe.

Manipuladores de Pão. — São convidados a reunir hoje, sem falta, às 13 horas, os corpos gerentes, sendo indispensável a presença de Cândido Marques.

Operários que somos, diz entusiasticamente, queremos pelo nosso esforço contribuir para aperfeiçoamento intelectual de todos os que trabalham. Eis as razões porque aqui estamos.

Professores e alunos, juntos, irmãos no mesmo pensamento, têm que fazer uma grande obra. Que assim seja, são os seus desejos se todos os que nesse momento, aqui, no Congresso, procuram trabalhar.

CONVOCACOES

Federacão Mobiliária — Conselho

Reúne hoje, às 21 horas, para tratar de assuntos importantes, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados à hora marcada.

Refinadores de açúcar — Reúne

hoje a assembleia geral para apreciar a

resposta do gerente da fábrica de refinaria Pereira Gomes da Costa, com a qual deve hoje avistar-se, como intermediário para a solução do conflito com o pessoal, o respectivo encarregado, conforme foi resolvido na assembleia ontem realizada.

Carpinteiros de Longo Curso. —

Reúne hoje os corpos gerentes afim de se tratar de assuntos de interesse para a classe.

Manipuladores de Pão. — São convidados a reunir hoje, sem falta, às 13 horas, os corpos gerentes, sendo indispensável a presença de Cândido Marques.

Operários que somos, diz entusiasticamente, queremos pelo nosso esforço contribuir para aperfeiçoamento intelectual de todos os que trabalham. Eis as razões porque aqui estamos.

Professores e alunos, juntos, irmãos no mesmo pensamento, têm que fazer uma grande obra. Que assim seja, são os seus desejos se todos os que nesse momento, aqui, no Congresso, procuram trabalhar.

CONVOCACOES

Federacão Mobiliária — Conselho

Reúne hoje, às 21 horas, para tratar de assuntos importantes, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados à hora marcada.

Refinadores de açúcar — Reúne

hoje a assembleia geral para apreciar a

resposta do gerente da fábrica de refinaria Pereira Gomes da Costa, com a qual deve hoje avistar-se, como intermediário para a solução do conflito com o pessoal, o respectivo encarregado, conforme foi resolvido na assembleia ontem realizada.

Carpinteiros de Longo Curso. —

Reúne hoje os corpos gerentes afim de se tratar de assuntos de interesse para a classe.

Manipuladores de Pão. — São convidados a reunir hoje, sem falta, às 13 horas, os corpos gerentes, sendo indispensável a presença de Cândido Marques.

Operários que somos, diz entusiasticamente, queremos pelo nosso esforço contribuir para aperfeiçoamento intelectual de todos os que trabalham. Eis as razões porque aqui estamos.

Professores e alunos, juntos, irmãos no mesmo pensamento, têm que fazer uma grande obra. Que assim seja, são os seus desejos se todos os que nesse momento, aqui, no Congresso, procuram trabalhar.

CONVOCACOES

Federacão Mobiliária — Conselho

Reúne hoje, às 21 horas, para tratar de assuntos importantes, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados à hora marcada.

Refinadores de açúcar — Reúne

hoje a assembleia geral para apreciar a

resposta do gerente da fábrica de refinaria Pereira Gomes da Costa, com a qual deve hoje avistar-se, como intermediário para a solução do conflito com o pessoal, o respectivo encarregado, conforme foi resolvido na assembleia ontem realizada.

Carpinteiros de Longo Curso. —

Reúne hoje os corpos gerentes afim de se tratar de assuntos de interesse para a classe.

Manipuladores de Pão. — São convidados a reunir hoje, sem falta, às 13 horas, os corpos gerentes, sendo indispensável a presença de Cândido Marques.

Operários que somos, diz entusiasticamente, queremos pelo nosso esforço contribuir para aperfeiçoamento intelectual de todos os que trabalham. Eis as razões porque aqui estamos.

Professores e alunos, juntos, irmãos no mesmo pensamento, têm que fazer uma grande obra. Que assim seja, são os seus desejos se todos os que nesse momento, aqui, no Congresso, procuram trabalhar.

CONVOCACOES

Federacão Mobiliária — Conselho

Reúne hoje, às 21 horas, para tratar de assuntos importantes, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados à hora marcada.

Refinadores de açúcar — Reúne

hoje a assembleia geral para apreciar a

resposta do gerente da fábrica de refinaria Pereira Gomes da Costa, com a qual deve hoje avistar-se, como intermediário para a solução do conflito com o pessoal, o respectivo encarregado, conforme foi resolvido na assembleia ontem realizada.

Carpinteiros de Longo Curso. —

Reúne hoje os corpos gerentes afim de se tratar de assuntos de interesse para a classe.

Manipuladores de Pão. — São convidados a reunir hoje, sem falta, às 13 horas, os corpos gerentes, sendo indispensável a presença de Cândido Marques.

Operários que somos, diz entusiasticamente, queremos pelo nosso esforço contribuir para aperfeiçoamento intelectual de todos os que trabalham. Eis as razões porque aqui estamos.

:: SECÇÃO NATURISTA ::

Banhos de sol

Os banhos de sol são praticados des-de épocas remotas.

Hipócrates, o pai da medicina expunha os seus doentes ao sol, não esquecendo que anteriormente, já os gregos praticavam a uretraria (arena areia) pois que se estendiam ao sol, um tanto co-beros de areia, não menos fazendo os romanos que se deitavam nos seus solariuns.

Aviceno considerava o sol, como pa-naceia para os grandes males e Coelins Aelianus, não se faltava de recomen-dar as práticas solares a que chamava heliosis.

Em 1774, Favre publicava os seus tra-balhos sobre a aplicação solar em várias enfermidades, e em 1815, Cauvin escrevia sobre as aplicações solares dizendo serem estas, remédio eficaz para o tratamento das doenças que têm por característica a degenerescência física, e tais foram os efeitos terapêuticos, desde tão precioso agente, que, passados ancs. Tuel cha-mava a atenção da medicina para os banhos de sol, pois que se considerava como meio de manter a saúde e a vitali-dade dos novos e soberano no reju-vescimento dos velhos.

Grandes notabilidades médicas como Bouchard, Carton, Maritene, Fleury entre os se têm dedicado ao estudo das aplicações solares, quer ministradas co-mo agente higiênico, quer como agen-te terapêutico.

A medicina vai, dia a dia convergindo a sua atenção para os agentes solares, e não são poucos os sanatórios onde o sol constitui a base de todo o tratamento.

O sol exerce uma ação vitalizante, reparadora e modificadora em todo o organismo, activa a circulação sanguínea, deserta os sentidos, o sistema nervoso e activa, duma forma geral os processos vitais.

A tuberculose pulmonar e óssea, o cancro, o reumatismo, a gota, o es-

crofílismo, a sífilis e outros flagelos da humanidade encontram no sol um po-deroso medicamento.

O sr. Carton, tem curado centenares de doentes, sobretudo crianças raqui-ticas e tuberculosas, pela ação dos agen-tes naturais em que o sol figura como principal elemento.

Milhares de doentes frequentadores dos consultórios médicos, tirariam mui-bens resultados se submetesssem à ação

altamente curativa dos agentes naturais, pondo assim de parte, as drogas que não só curam como agravam mais o mal que pretendem curar.

Os banhos de sol, que no Alemanha, na Bélgica, na Suíça e outros países mais civilizados tem tanto adepto e entusiastas propagandistas, ainda não atraíram a atenção dos portugue-ses, o que é para lamentar.

E' confrangedor ver uma legião enor-míssima de raquíticos por esse país for-a, arrastando uma existência miserável, ingerindo drogas que só servem para envenenar o doente e enriquecer o farma-cêutico, quando tam fácil seria readqui-rir a saúde, utilizando-se dos agentes naturais.

Portugal é um dos países onde o sol constanteamente nos atraíra, não ob-stante, esse precioso elemento é despre-zado não só pelos leigos como também pelos próprios médicos, que manifestam assim o seu espírito rotineiro.

Todos, novos e velhos, homens e mu-lheres devem procurar o sol, entregue-rem-se às suas influências benéficas, aos seus raios acaridentes que espalham a luz, o calor e a vida a todos os seres.

O sol é a tábua salvadora dos que so-frem, é a alma do mundo.

Mas como se tomam os banhos de sol?

No próximo artigo te responderei,

Lion de CASTRO

os necessários conhecimentos que o ho-mem que sabe, pode e o homem que não é soberano de si mesmo.

No saber e no poder reside, pois, na liberdade individual, que não impede, contudo, toda a harmonia co-lectiva.

O capitalismo não passa desperce-dida esta verdadeira filosofia social. E, por isso, ele faz todos os esforços le-ais para que todos os homens que

subalam e são explorados vilen-temente não conheçam, com clareza,

a plenitude dos seus crimes mons-

gosos.

E, quando o mesmo Pelletier, a verda-deira ordem e a verdadeira segurança

populações encontra-se na libe-ridade. Mas as castas preponderantes,

as quais se contam os oligarquias, po-liticas e financeiras, não querem

essa ordem nem essa segurança, mas

exclusivamente aquelas que favorecem

condalmente os interesses latroci-

nos das suas vergonhosas negocia-

ções.

O culto pelas mais caras franquias

os tempos modernos exigem, per-

ante as populações laboriosas,

os manuais, quer intelectuais, pro-

ficiais, num ascendente de bem estar

social, sob todos os seus múltiplos as-

pectos.

Quanto maior for a soma de felici-dade colectiva e individual, tanto maior

é o equilíbrio estabelecido na huma-nidade livremente organizada.

A burguesia, porém, encontra toda a razão de ser da sua exércita precisamente no desequilíbrio. E' na miséria

as massas populares, nas lágrimas de

milhares de famílias, no sofrimento du-

raido de produidores; é no es-

querdão na palifaria, na ladroaria, na

encubagem, na prostituição, na ven-

da, na baixezza de carácter, em mil e

factores de desagregação moral-

que se desenvolvem as moléculas vitais

na sua vida de raueira repelente.

O esclarecimento de um determinado

domínio-metálico, político, econô-mico

ou social, é o desvendamento de um

mistério. Mistério que se desvenda, é

uma verdade que ilumina os espíritos

escuros, que deslumbra os cérebros

liberados pelas trevas da mentira e da

descrição.

E' um mito, um ídolo, um deus que

se precipita no seu pedestal e se des-za

em cacaia inútil. Por isso mesmo, é

uma consciência que se entreabre e flo-rem - o que representa a afirmação de

uma individualidade revoltada, para a

desdourada do sol da Liberdade.

Quebrados os grilhões da ignorância,

o homem principia a sentir, a pensar, a

querer - força indomável que o leva a

proclamar bem alto a sua soberania e o

seu direito à existência. Comega a con-preender tanto que, para não ser des-nunciado, não deve ter pruridos de domi-nador. O seu saber e o seu poder re-voltem-se contra o existente, contra o tráfico, o flibusteiro, o apunhalador

da felicidade pública, qualquer que seja

que seja o lado onde possa ser encon-trado...

Mas não deixa de ir despertar os opri-midos, menos ao corrente da razão dos factos, mas não deixa de se curvar, re-verente, perante cultura harmônica do auxílio colectivo do indivíduo para o grupo e deste para as populações agru-padas livremente - base segura para o equilíbrio da sociedade que entresso-bhamos.

Para que o homem não seja homem,

para que, além de não ter alimen-to no estômago, agasalho no corpo e

abriga no lar, não possa vir a possuir

que seja o lado onde possa ser encon-trado...

Mas não deixa de ir despertar os opri-midos, menos ao corrente da razão dos

factos, mas não deixa de se curvar, re-verente, perante cultura harmônica do auxílio colectivo do indivíduo para o

grupo e deste para as populações agru-padas livremente - base segura para o

equilíbrio da sociedade que entresso-bhamos.

Para que o homem não seja homem,

para que, além de não ter alimen-to no estômago, agasalho no corpo e

abriga no lar, não possa vir a possuir

que seja o lado onde possa ser encon-trado...

Mas não deixa de ir despertar os opri-midos, menos ao corrente da razão dos

factos, mas não deixa de se curvar, re-verente, perante cultura harmônica do auxílio colectivo do indivíduo para o

grupo e deste para as populações agru-padas livremente - base segura para o

equilíbrio da sociedade que entresso-bhamos.

Para que o homem não seja homem,

para que, além de não ter alimen-to no estômago, agasalho no corpo e

abriga no lar, não possa vir a possuir

que seja o lado onde possa ser encon-trado...

Mas não deixa de ir despertar os opri-midos, menos ao corrente da razão dos

factos, mas não deixa de se curvar, re-verente, perante cultura harmônica do auxílio colectivo do indivíduo para o

grupo e deste para as populações agru-padas livremente - base segura para o

equilíbrio da sociedade que entresso-bhamos.

Para que o homem não seja homem,

para que, além de não ter alimen-to no estômago, agasalho no corpo e

abriga no lar, não possa vir a possuir

que seja o lado onde possa ser encon-trado...

Mas não deixa de ir despertar os opri-midos, menos ao corrente da razão dos

factos, mas não deixa de se curvar, re-verente, perante cultura harmônica do auxílio colectivo do indivíduo para o

grupo e deste para as populações agru-padas livremente - base segura para o

equilíbrio da sociedade que entresso-bhamos.

Para que o homem não seja homem,

para que, além de não ter alimen-to no estômago, agasalho no corpo e

abriga no lar, não possa vir a possuir

que seja o lado onde possa ser encon-trado...

Mas não deixa de ir despertar os opri-midos, menos ao corrente da razão dos

factos, mas não deixa de se curvar, re-verente, perante cultura harmônica do auxílio colectivo do indivíduo para o

grupo e deste para as populações agru-padas livremente - base segura para o

equilíbrio da sociedade que entresso-bhamos.

Para que o homem não seja homem,

para que, além de não ter alimen-to no estômago, agasalho no corpo e

abriga no lar, não possa vir a possuir

que seja o lado onde possa ser encon-trado...

Mas não deixa de ir despertar os opri-midos, menos ao corrente da razão dos

factos, mas não deixa de se curvar, re-verente, perante cultura harmônica do auxílio colectivo do indivíduo para o

grupo e deste para as populações agru-padas livremente - base segura para o

equilíbrio da sociedade que entresso-bhamos.

Para que o homem não seja homem,

para que, além de não ter alimen-to no estômago, agasalho no corpo e

abriga no lar, não possa vir a possuir

que seja o lado onde possa ser encon-trado...

Mas não deixa de ir despertar os opri-midos, menos ao corrente da razão dos

factos, mas não deixa de se curvar, re-verente, perante cultura harmônica do auxílio colectivo do indivíduo para o

grupo e deste para as populações agru-padas livremente - base segura para o

equilíbrio da sociedade que entresso-bhamos.

Para que o homem não seja homem,

para que, além de não ter alimen-to no estômago, agasalho no corpo e

abriga no lar, não possa vir a possuir

que seja o lado onde possa ser encon-trado...

15-6-1924

Os Mistérios do Povo

N.º 173.

copo de cristal cheio de um licor maravilhoso o qual espalha uma claridade tam forte que serve de luz aquelas fadas... Acresentam mais que uma gota do tal licor faria a gente tam sábia como Deus.

— E que comem elas nessa toalha branca de neve? sabes, Karadeuk, tu que gostas tanto delas?

— Queridas pequenas! o seu corpo rosado e transparente, apenas da altura de dois pés, não é tam gordo que peça grande sustento... Minha irmã Roselik chama-lhes gulosas... Que comem elas? o suco das flores da noite servido em folhas da erva de oiro!

— Erva de oiro... a erva mágica que, se a pizamos por descuido, nos adormece e nos faz interpretar a língua dos pássaros?

— Essa mesma.

— E que bebem as Korriganas?

— O orvalho da noite na concha azulada dos ovos da ave do paraíso...; vejam lá que borachas! Mas ao menor ruído humano... tudo se evapora, e desaparecem na fonte para voltarem ao fundo da água ao seu palácio de cristal e de coral... Para poderem fugir é que estão sempre ao pé da água... Oh! gentis anãs... belas fadas... não vos verei eu nunca... dava dez anos, vinte anos da minha vida para encontrar uma Korrigan!...

— Karadeuk, não prometas isso em semelhante noite de tempestade... é agouro mau...; nunca ouvi o mar furioso gerir de tal sorte...; é como se estivesse um trovão...

— Minha boa mãe, eu afrontaria a noite, a tempestade e o trovão para ver uma Korrigan...

— Cala-te, meu rapaz... assustas-me...; não fale assim...; isso é tentar a Deus!

— Que arrojado e atrevido rapaz não és tu meu neto...

— Avô, reprenda também meu irmão Karadeuk, em lugar de lhe gabar só os seus desejos loucos e perigosos... Não sabe...

— O quê? minha meiga Roselik?

— Ai de mim! avô, as Korriganas roubam os filhos

das pobres mulheres, e põem em lugar dêles monstrosinhos; a canção assim o diz.

— Ouçamos a canção, minha Roselik.

— Ela ai vai, avô:

— «A formosa Mary está muito aflita; o seu pequeno Laoik levou-o a Korrigan.

— «Quando fui à fonte buscar água, deixei o meu Laoik no berço; quando voltei para casa já ele ia longe.

— «E em seu lugar a Korrigan tinha posto este monstro com as faces tan sarapintadas como a pele do sapo; arranca e morde sem dizer palavra.

— «E' sempre está a pedir de mamar; já fez sete anos, e ainda pede mama.

— «A formosa Mary está muito aflita; perdeu o seu Laoik; levou-o a Korrigan».

— Esta é que é a canção, avô. Agora pregunto se meu irmão Karadeuk sempre quere encontrar essas Korriganas, as roubadoras de crianças?

— Que tens tu que responder em defesa das tuas fadas, Karadeuk, meu predilecto?

— Avô, a minha gentil irmã Roselik foi iludida pelas más línguas; tódas as mães com meninos feios, dizem que tinham um anjo no berço e que as Korriganas lhe puzeram em seu lugar um monstro!

— Bem respondido, meu favorito!

— Sustento que as Korriganas são assíduas e servis... O avô sabe onde é o vale de Helé?

— Sei, sei, meu intrépido.

— Havia ali em outro tempo os mais belos fenos do mundo...

— E' verdade: feno do Helé, feno perfumado, como diz o provérbio.

— Ora, era por causa das Korriganas...

— Sim! conta-me isso...

— No tempo da monda elas subiam ao cimo dos rochedos do vale para vigiar os prados... Se durante o dia tinham secado, as Korriganas faziam chover neles um abundante orvalho...; se o feno já estava cortado, faziam fugir as nuvens que o poderiam estragar...

— Que tem, meu pai, porque está pensativo? Acreditará, como Madalén, que uma desgraça ameaça Karadeuk por ter querido ver uma Korrigan em noite de tempestade?

— Penso, não nas fadas, mas nesta noite tempestuosa, Jocelyn... Já te li, tanto a ti como a teus filhos, as narrações de nosso avô Joel, que vivia há quinzenas

gar... Um tolo e ruim bispo quiz expulsar aquelas boas e pequenas fadas servis; mandou, pois, ao descair da noite, acender uma grande fogueira sobre os rochedos; quando os viu em brasa, varreu as cinzas... Logo que anoteceu as Korriganas, não sabendo disto, vieram guardar o feno; mas queimaram os pésinhos na rocha abrasada... Então exclamaram chorando! Oh! mundo mau! mundo mau!... E depois nunca mais voltaram, e mais tarde o feno começou a apodrecer pela chuva ou secou com o sol no vale de Helé... Eis o que sucede quando se faz mal as Korriganas... Não, não morreré contente em quanto não encontrar uma...

— Meus filhos, meus filhos, não acreditem nessas mágicas, e sobre todo não desejem ser testemunhas delas, isso é de mau agouro...

— O' minha mãe, pois então por eu desejar ver uma Korrigan, segue-se que serei mal sucedido..., que desgraça me deverá acontecer?

— Só Hesus o sabe, meu rapaz..., porque as tuas palavras apertam-me o coração...

— Que tempestade! que tempestade! a casa treme...

— E é em semelhante noite que este mau rapaz se atreve a dizer que daria a sua vida para ver uma Korrigan...

— Mulher, tamanho desassossego é indício de fraqueza.

— As mães são fracas e timidas, Jocelyn... E' bom não tentar a Deus...

— O velho Araim deixa um momento de trabalhar na sua rede; descai a cabeça sobre o peito... e pensa.

— Que tem, meu pai, porque está pensativo? Acreditará, como Madalén, que uma desgraça ameaça Karadeuk por ter querido ver uma Korrigan em noite de tempestade?

— Penso, não nas fadas, mas nesta noite tempestuosa, Jocelyn... Já te li, tanto a ti como a teus filhos, as narrações de nosso avô Joel, que vivia há quinzenas

tos e tantos anos, quando não fôsse nesta casa pelo menos nos sitios onde estamos...

— E' verdade, meu pai.

— Sabes em que estou pensando?

— Em quê, avô?

— Em quê? preguntas tu, meu Karadeuk, meu bêsteiro? Penso que em semelhante dia de tempestade, o bom Joel e seu filho, avidos de narrações, curiosos gauleses como elas eram...

— O que pregou a boa peça a um viajante de prende-lo no azinhalha do Craig'h (ainda por lá passei esta manhã, disse Kervan); depois amarrou o estrangeiro e levou-o a casa para lhe ouvir contar...

— E esse viajante era o chefe dos cem vales... um mártir... um herói!...

— Oh! como os teus olhos brilham quando assim falas, Karadeuk, meu predilecto...

— Se brilham, avô, é porque estão humedecidos de lágrimas... Quando ouço falar do chefe dos cem vales, chegam-me as lágrimas aos olhos...

— Que é isso, meu pai? Olhe, repare que o seu velho Erer resmunga e arrebita as orelhas.

— Avô, não ouve ladrar os cães de guarda?

— E' porque sucede alguma coisa extraordinária da parte de fora da casa...

— Ai de mim! quando os deuses querem castigar um filho pelo seu arrojado desejo, a cólera dêles não se faz esperar... Karadeuk, anda, anda para ao pé de mim, meu rapaz...

— O' Madalén... pois tu estás a chorando e abraçando o filho como se alguma desgraça o ameasse?... Vamos, querida mulher, parece que não tens juizo.

— Não ouves os latidos dos cães lá fora? Olha, não vês Erer a correr para a porta resmungando... Digo-lhe: que se passa alguma cousa sinistra ao pé da casa...

— Não receie nada, minha mãe, é lobo que anda aqui perto...; venha o meu arco!

A NACIONAL

FÁBRICA DE MALAS
CARTEIRAS E PELARIA.

DE CASSIANO, TEIXEIRA & VEIGA, Lda.

REPARAÇÕES

Carteiras, Malas, Bolsas, Pastas em cabedal, seda, veludo, etc.

CONFECÇÕES DE PELES

Tinturaria em tódas as cores e limpeza de tódas a qualidade de tecidos, roupas, peles, boás, plumas, cabedais, calçado, luvas, feltros, etc.

VENDA E REVENDA

Meias de seda e fio de escócia, pelegas para homem em seda, algodão e fio de escócia por preços resumidos

RUA DA PALMA, 34, 1.º — LISBOA

Telefone N. 3624

TOSSE CONVULSA

A experiência de longos anos e a confirmação de muitos médicos do continente e ilhas tem: demonstrado que o:

Xarope Serrano

cura rapidamente a tosse convulsa.

Vende-se em Lisboa: Farmácia Serrano, rua 20 de Abril, 128; Farmácia Latina, rua de São Bento, 71; Oliveira Leitão, rua da Madalena, 46, 2.º.

No Funchal: Andrade & Comp., rua João Tavares, 11 e 11-A.

Tinturaria a vapor

Limpia e tinge toda a qualidade de vestuário, fatos de homem e vestidos de senhora e de criança, em preto e todas as cores garantidas. E' a melhor casa no género e a que mais barato trabalha.

Rua das Amoreiras, 177

CANDEIAS!!!

E' quem vende o calçado mais barato, mais elegante e mais resistente

Infendente-Lisboa

REUMATISMO

Sifilítico, Bienorrágico,

Gatoso, Articular, Artrítico,

Muscular, etc.

Reumatina

24 horas depois não tem mais dores

Reumatina

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00 — — —

Reumatina

Vende-se em tódas as boas farmácias e drogarias —

Pó Anti-bienorrágico

E' o mais poderoso combatente das bienorrágicas crónicas ercentes.

Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Comjardim, 440 — PORTO

EXAMINEM

AS QUALIDADES E PREÇOS

Máquinas de coser bobinas centrais 1:00\$00

Bobinas de roda livre, dois freios, guarda-lamas, garantia 1:00\$00

Banheiros ferro esmaltado 1:00\$00

Artigos de futebol, Contadores para água, pressão e ar livre

Pinto Coelho

Trav. de S. Domingos, 28 — LISBOA
